

Texto: Kelsen Bravos  
Ilustrações: Carlus Campos

# Serelepe e Bem-me-quer



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação  
Secretaria da Cultura*



*Governador*  
Cid Ferreira Gomes

*Vice-Governador*  
Francisco José Pinheiro

*Secretaria da Educação*  
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

*Secretário Adjunto*  
Maurício Holanda Maia

*Coordenadora de Cooperação  
com os Municípios*  
Márcia Oliveira Cavalcante Campos

---

*Autor*  
Kelsen Bravos

*Organização e Coordenação Editorial*  
Kelsen Bravos da Silva

*Preparação de originais*  
Lidiane Maria Gomes Moura

*Projeto, Diagramação e Coordenação Gráfica*  
Daniel Diaz

*Revisão*  
Marcus Túlio Dias Monteiro  
Kelsen Bravos da Silva  
Marta Maria Braide Lima  
Haristelma Maria de Almeida Moreira

---

*Conselho Editorial*  
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda  
Marta Maria Braide Lima  
Leniza Romero Frota Quinderé  
Haristelma Maria de Almeida Moreira  
Sammya Santos Araújo

*Catalogação e Normalização*  
Gabriela Alves Gomes  
Maria do Carmo Andrade

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

C387s

Ceará. Secretaria de Educação.

Serelepe e bem-me-quer / Kelsen Bravos; ilustrações de Carlus Campos. – Fortaleza: SEDUC, 2008.

24p.; il.

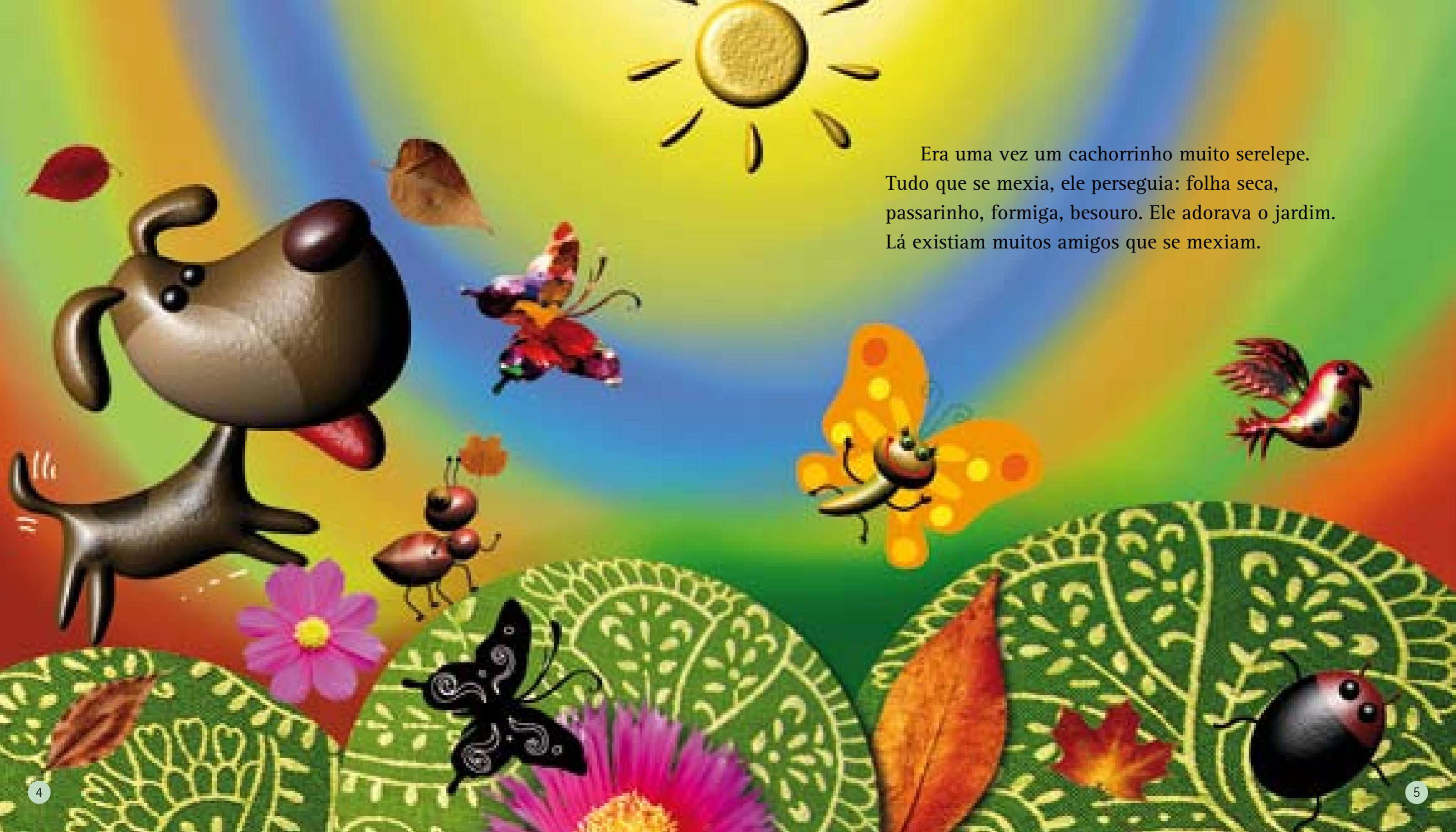
ISBN: 978-85-62362-03-3

1. Lendas. 2. Fábulas. 3. Contos. 4. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5  
CDU 37+028.1(813.1)



A meu pai, Francisco Pereira da Silva,  
menino intimo rato de 80 anos,  
serelepe "pinga-fogo" brincalhão.  
Amigo de todas as horas  
a quem sempre peço a bença.



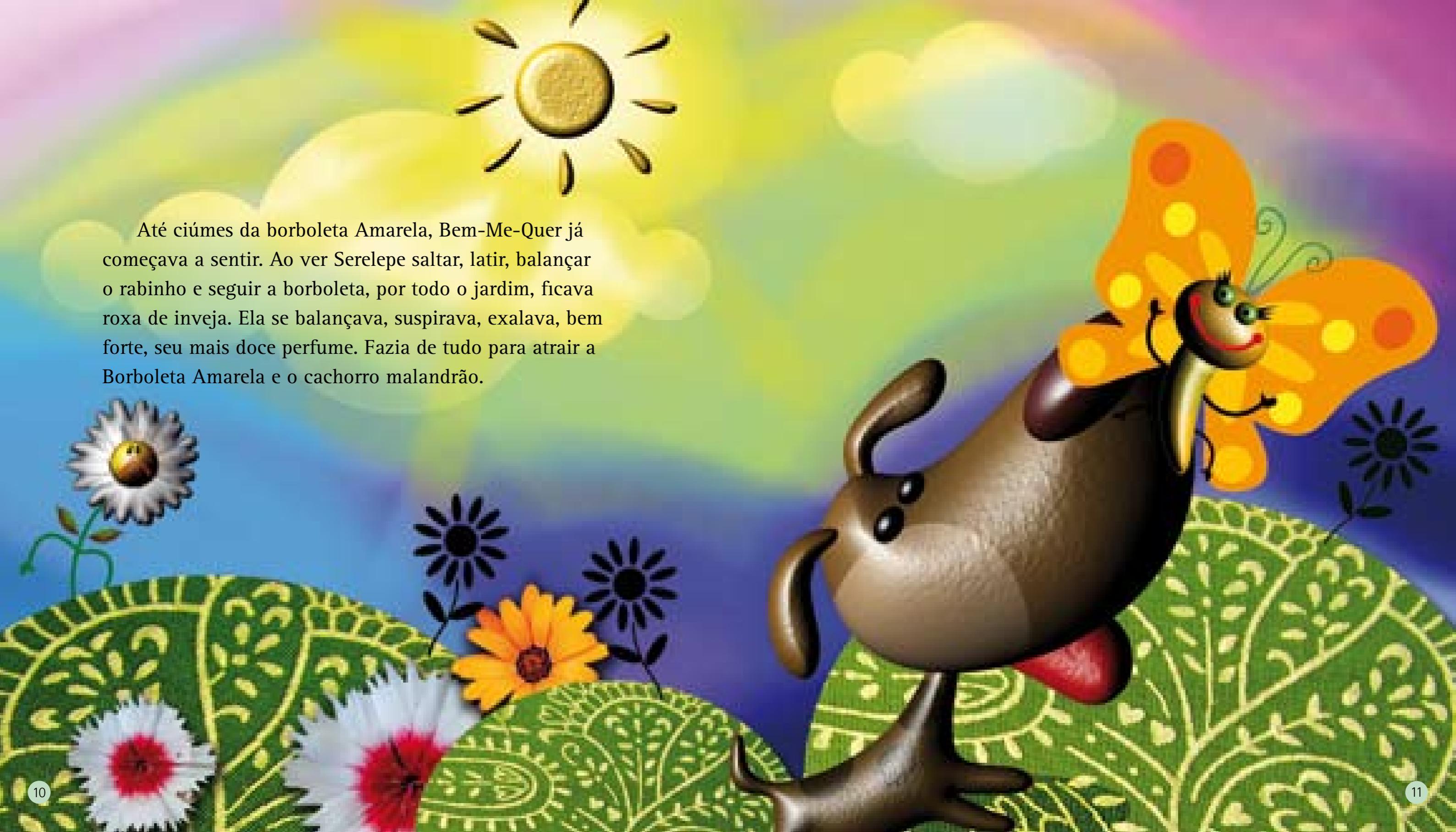
Era uma vez um cachorrinho muito serelepe.  
Tudo que se mexia, ele perseguia: folha seca,  
passarinho, formiga, besouro. Ele adorava o jardim.  
Lá existiam muitos amigos que se mexiam.

No jardim, vivia uma linda flor chamada Bem-Me-Quer.  
Ela pouco se mexia. Vivia a admirar as próprias pétalas.  
Achava-se a mais linda, a mais importante e a mais cheirosa  
de todas as mais lindas, cheirosas e importantes pessoas,  
coisas e plantas do mundo. Para ela, aquele cachorro  
serelepe era um implicante. Bastava aparecer para sua  
tranqüilidade acabar.





Mas o jeitão alegre do Serelepe era contagiante. No dia que ele não aparecia, todos sentiam sua falta. Até mesmo Bem-Me-Quer, mas é claro que ela fazia questão de demonstrar o contrário. Se o cachorrinho sumia um dia, ela ficava triste. Quando ele voltava, ela fazia de conta que nem ligava, embora, por dentro, estivesse muito feliz.



Até ciúmes da borboleta Amarela, Bem-Me-Quer já começava a sentir. Ao ver Serelepe saltar, latir, balançar o rabinho e seguir a borboleta, por todo o jardim, ficava roxa de inveja. Ela se balançava, suspirava, exalava, bem forte, seu mais doce perfume. Fazia de tudo para atrair a Borboleta Amarela e o cachorro malandrão.





Numa bela tarde, Serelepe fez a maior bagunça no jardim. Correu para lá e para cá, o tempo todo. Escavou ali, focinhou aqui. Mordeu a torneira e puxou a mangueira até conseguir espalhar água por todo o lugar.

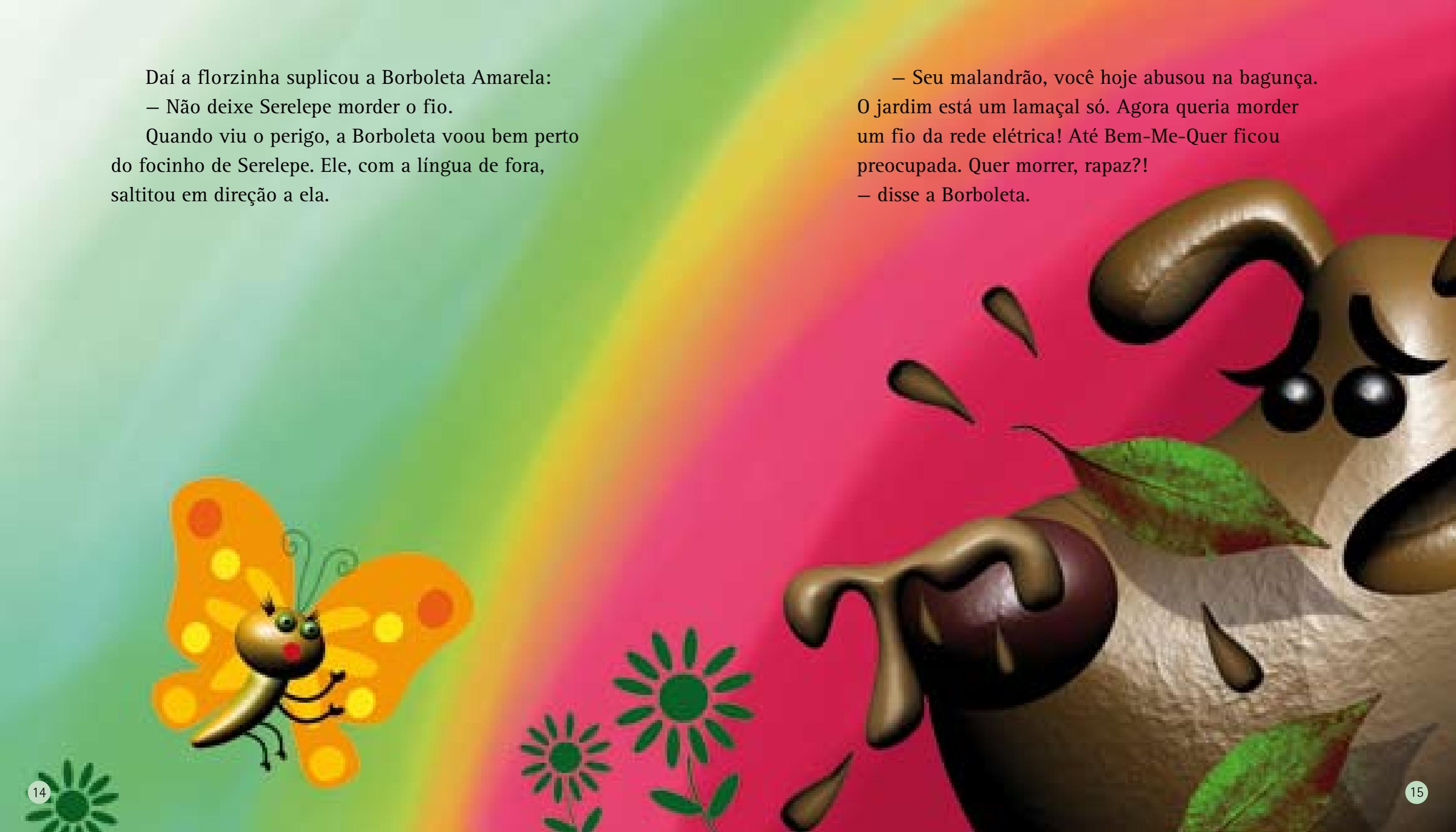
Rolou-se nas poças de água e espalhou lama por todo o jardim. Até que, numa dessas, encontrou um fio de rede elétrica.

Já começava a morder o fio como se fora a um osso, quando Bem-me-quer gritou aflita:

– Serelepe, não faça isso! Você vai levar um choque e pode até morrer.

Todo o jardim se surpreendeu com a atitude de Bem-me-quer. Logo ela, para quem o mundo parecia menor do que sua corola.

Serelepe pensou que ela queria debochar dele e continuou a roer o fio.



Daí a florzinha suplicou a Borboleta Amarela:

– Não deixe Serelepe morder o fio.

Quando viu o perigo, a Borboleta voou bem perto  
do focinho de Serelepe. Ele, com a língua de fora,  
saltitou em direção a ela.

– Seu malandrão, você hoje abusou na bagunça.

O jardim está um lamaçal só. Agora queria morder  
um fio da rede elétrica! Até Bem-Me-Quer ficou  
preocupada. Quer morrer, rapaz?!

– disse a Borboleta.



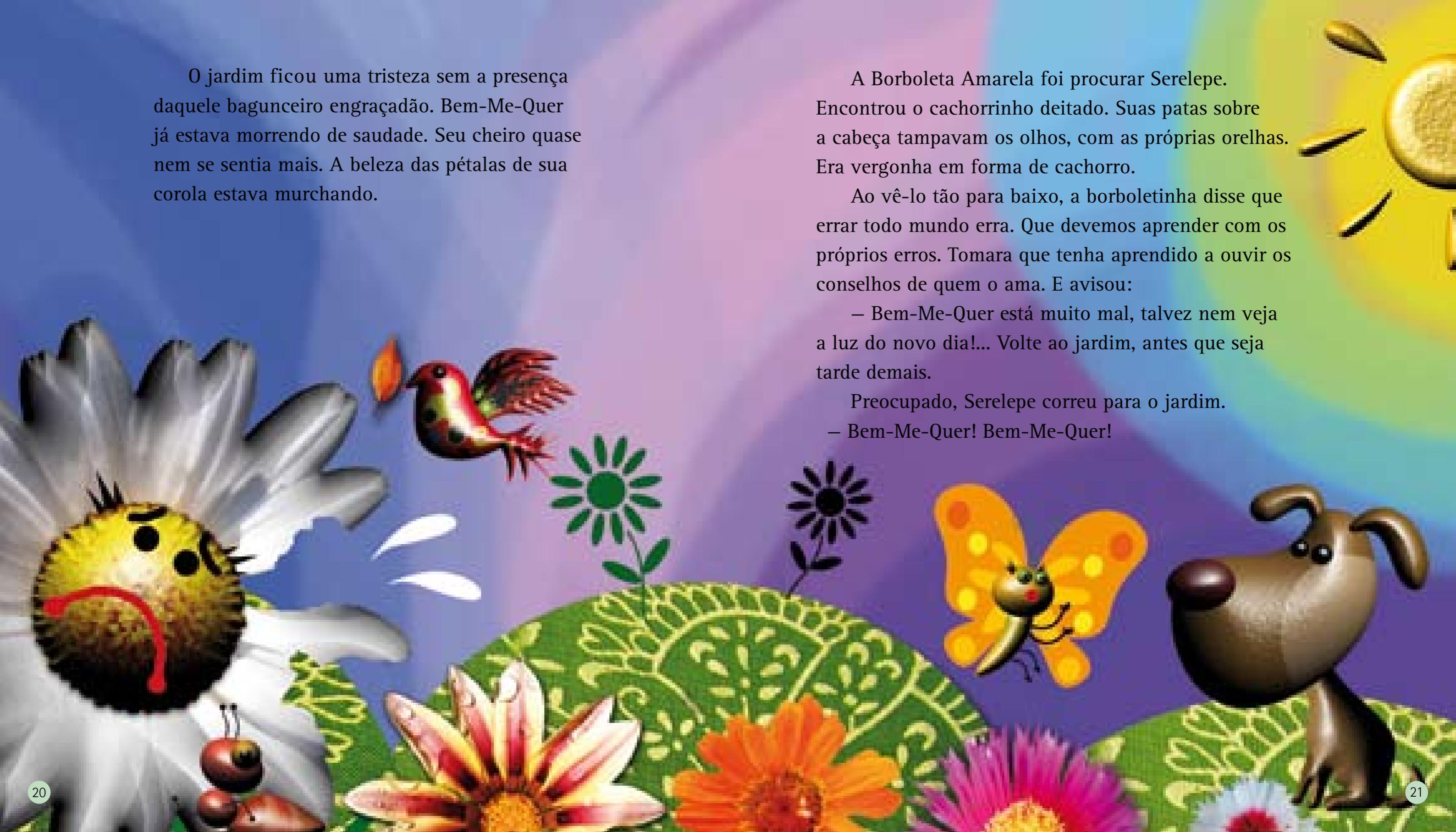
– Ela estava falando sério?! Então Bem-Me-Quer  
não me quer mal. Ela me quer bem!!! – falou já  
correndo para perto de plantinha.

– Que bom você ter atendido ao aviso dessa  
Amarela, seu maluco. Você é um cachorro muito  
chato, bagunceiro e teimoso; mas faz uma falta  
danada. – disse a flor.

– Eu sabia que você gostava de mim, sua  
florzinha banqueira. Vocês estão preocupadas  
à toa. Eu sei muito bem o que estou fazendo,  
viu? – debochou das amigas e sacudiu o corpo  
espalhando lama nelas.



O sabichão foi lá mexer no tal fio. Chegou devagar, encostou o focinho e pimba! Levou um tremendo choque. Saiu gritando caincaincaim, com o rabo entre as pernas. Rolou no chão, esfregou o focinho e nada da dor passar. Correu casa adentro e sumiu. Dias e dias se passaram e nada de Serelepe aparecer.



O jardim ficou uma tristeza sem a presença daquele bagunceiro engraçadão. Bem-Me-Quer já estava morrendo de saudade. Seu cheiro quase nem se sentia mais. A beleza das pétalas de sua corola estava murchando.

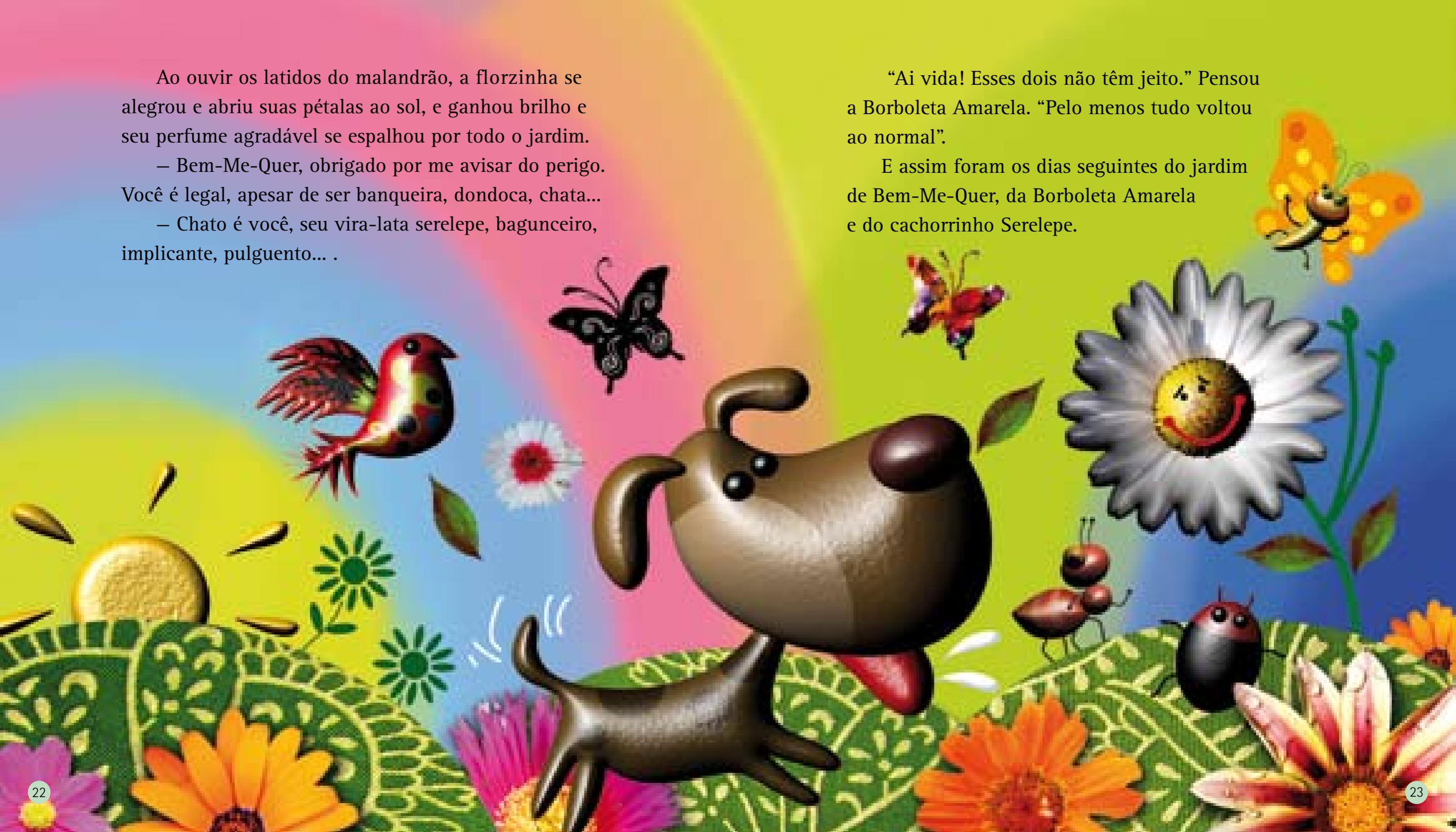
A Borboleta Amarela foi procurar Serelepe. Encontrou o cachorrinho deitado. Suas patas sobre a cabeça tampavam os olhos, com as próprias orelhas. Era vergonha em forma de cachorro.

Ao vê-lo tão para baixo, a borboletinha disse que errar todo mundo erra. Que devemos aprender com os próprios erros. Tomara que tenha aprendido a ouvir os conselhos de quem o ama. E avisou:

— Bem-Me-Quer está muito mal, talvez nem veja a luz do novo dia!... Volte ao jardim, antes que seja tarde demais.

Preocupado, Serelepe correu para o jardim.

— Bem-Me-Quer! Bem-Me-Quer!



Ao ouvir os latidos do malandrão, a florzinha se alegrou e abriu suas pétalas ao sol, e ganhou brilho e seu perfume agradável se espalhou por todo o jardim.

– Bem-Me-Quer, obrigado por me avisar do perigo. Você é legal, apesar de ser banqueira, dondoca, chata...

– Chato é você, seu vira-lata serelepe, bagunceiro, implicante, pulguento... .

“Ai vida! Esses dois não têm jeito.” Pensou a Borboleta Amarela. “Pelo menos tudo voltou ao normal”.

E assim foram os dias seguintes do jardim de Bem-Me-Quer, da Borboleta Amarela e do cachorrinho Serelepe.



### Kelsen Bravos

Nasci perto da lagoa da Parangaba, em Fortaleza, Ceará, sou um escritor brasileiro, portanto. Escrevo para crianças, jovens e adultos. Além de escritor, sou professor de língua portuguesa e literatura. Faço parte da Casa do Conto, uma instituição que promove a leitura como inclusão social. Participo como diretor executivo. Respondo pelas capacitações, cultura digital e edição de livros. Já publiquei vários livros; e tenho muitos outros esperando a vez de encontrar você. Minha arte pretende ser um grande encontro entre mundos, os meus e os dos leitores, pois meu maior sonho é conhecer todas as pessoas do mundo. Mas como o mundo tem mais de seis bilhões de pessoas, é bem difícil conhecer todas elas. Por isto escrevo: para encontrar gente através do meus livros. Deu certo, pois estamos conversando agora. Para continuarmos essa conversa, escreva para [kelsenbr@gmail.com](mailto:kelsenbr@gmail.com).



### Carlus Campos

Nasci em Russas, Ceará em 1963. Ainda criança comecei a desenhar influenciado pelos seriados da TV. O desenho, aliás, sempre foi e é minha principal forma de manifestação artística. Em 1987, comecei a trabalhar profissionalmente como ilustrador e caricaturista no jornal O Povo. Nos anos 90, fiz curta incursão pela publicidade e retornei logo a seguir ao jornalismo onde desenvolvo até hoje, dizem, uma apaixonante arte gráfica. Peças publicitárias, livros infantis e artes plásticas também são projetos desenvolvidos por mim atualmente com ênfase na experimentação.